

SOBRE (VIVER) ISOLAMENTO SOCIAL E NOSSAS RECORDAÇÕES AFETIVAS

“Uma biografia conjunta, escrita pelos idosos do Centro de Convivência dos Idosos de Pará de Minas”

Secretaria de Assistência e
Desenvolvimento Social



**PREFEITURA
PARÁ DE MINAS**

SOBRE (VIVER) ISOLAMENTO SOCIAL E NOSSAS RECORDAÇÕES AFETIVAS

**“Uma biografia conjunta, escrita pelos
idosos do Centro de Convivência dos
Idosos de Pará de Minas”**

2021

Secretaria de Assistência e
Desenvolvimento Social



**PREFEITURA
PARÁ DE MINAS**

Prefeito: Elias Diniz

Secretário Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social: Flávio Medina Neto

Coordenadora do CRAS Renê Vieira Leitão: Franciele de Lima Souza Tinoco

Orientadora Social do Centro de Convivência dos Idosos: Cleusa Januário

Diagramação: Mateus Henrique Silva - 2021

Dedicamos este livro de histórias a todos os nossos amigos idosos escritores deste conto e também aqueles que não tiveram oportunidade de escreverem por algum motivo; estão adoecidos ou impossibilitados de nos presentear dividindo suas vidas conosco aqui.

Dedicamos aos nossos familiares que participaram ou não dessas lutas aqui descritas que sofreram ou sorriram junto conosco.

Dedicamos por fim a VIDA esta que principalmente neste momento de Pandemia decorrente do COVID-19 nos roubou os abraços, os forrós, as novenas e os momentos presenciais que tanto nos faziam bem.

Agradecimentos

Nossos especiais agradecimentos aos idosos, protagonistas deste livro, autores e coautores que dividiram suas valiosas experiências e contribuições a todos nós, sem vocês nada disso teria sentido!

Aos familiares, pela cooperação com os nossos projetos e por terem sido suporte e auxílio para garantir a expressão dos seus idosos.

A equipe do Centro de Convivência dos Idosos Júnia Marise, especialmente a orientadora social Cleusa Januário, que acolheu tão prontamente o desafio da realização do livro, sendo ponte fundamental entre o serviço e os usuários, coletando o material necessário para que chegássemos até aqui!

Agradecemos a nossa revisora do livro Clara Vitória, pela dedicação empenhada nos textos e por conseguir manter toda a essência real das histórias, favorecendo ainda o diálogo com nós leitores!

Aos nossos colegas de trabalho do CRAS, da secretaria e ao nosso secretário Flávio Medina que nos apoia e nos dá a liberdade para que possamos realizar nossas missões do dia-a-dia com êxito!

Gratidão a todos vocês pela materialização deste trabalho tão sonhado!

Sumário

- 7. Agenor Alves Filho
- 9. Alice Expedita Araújo Moreira
- 10. Antônio Dias
- 12. Antônio Gomes
- 14. Antônio Nogueira
- 17. Aparecida Maria da Cruz
- 20. Benedito da Conceição da Silva
- 22. Conceição Soares Altivo de Paulo
- 24. Cristino do Nascimento
- 26. Eva Ferreira de Oliveira
- 28. Geralda da Silva Moreira
- 29. José Cândido da Silva
- 33. José Carlos de Freitas
- 35. José Eustáquio Calisto
- 36. Julieta da Graça Policarpo
- 38. Juvenal Alves da Silva
- 40. Lourdes Maria dos Santos Silva
- 42. Maria Agripina da Rocha Coutinho
- 43. Maria Ana da Silva Lopes
- 45. Maria Bernarda e Elifas de Assis
- 47. Maria do Perpétuo Socorro de Lima
- 49. Maria Madalena Sousa Santana
- 51. Raimundo Perpétuo da Silva
- 53. Tereza Alves



Agenor Alves Filho

Muito prazer! Meu nome é Agenor Alves Filho, tenho 80 anos bem vividos e com muita saúde. Nasci na roça, num lugar recantado, em uma casinha simples sem água e energia elétrica. Era tarefa buscar água na mina e pegar lenha no mato para acender o fogão, possibilitando cozinhar e esquentar água para tomar banho de bacia. Com o passar dos anos foi colocado um carneiro hidráulico para levar água encanada para dentro de casa.

Meu pai, homem simples, trabalhava de lavrador e ganhava muito pouco para sustentar uma família de seis filhos. Comecei cedo a ajudá-lo na lida do campo plantando milho, feijão e mandioca que servia para fazer polvilho e farinha para alimentar a família. Cultivamos também a cana e com ela produzimos uma boa e doce rapadura. Tínhamos uma vaquinha leiteira que nos dava o leite para fazermos o queijo e vender ou trocar por outras mercadorias que necessitamos em casa.

Meus irmãos cresceram, foram se casando e formando famílias, fiquei em casa morando com meu pai, minha mãe e uma irmã que era portadora de paralisia infantil. Meu pai veio a falecer com doença de chagas então fiquei responsável por cuidar da roça, da minha mãe e irmã. Perdi minha mãe com 75 anos de idade e minha irmã que era doente também veio a falecer com 50 anos vítima também do barbeiro que transmite a doença de chagas, era muito comum essa doença nas casas do interior.

Eu estava com 30 anos de idade quando conheci minha esposa Tereza e nos casamos, tivemos nossos filhos e continuamos unidos com as bênçãos de Deus. Em 1980 mudamos para Gouveia para ficarmos mais perto dos familiares, nessa ocasião fui dono de um bar que só me deu prejuízo, vendia fiado e não recebia dos fregueses. Ficamos morando lá por mais de oito anos, então em 1999 decidimos mudar para Pará de Minas, onde eu tinha 2 tios com residência fixa e eles me convenceram a tentar a vida aqui, consegui um emprego de retireiro na Matinha, depois fui trabalhar como caseiro por 10 anos num sítio em Gorduras. Nesta ocasião eu ia e voltava todos os dias a pé, gostava muito de trabalhar lá, mas tive que largar o serviço e ficar com minha esposa que adoeceu, teve problemas renais

e hoje é dependente de hemodiálise. Meu filho caçula também é doente, tem esquizofrenia e requer meus cuidados diários assim como minha esposa, então decidi ficar mais em casa, ser atencioso e cuidar deles.

Para aliviar as tensões e preocupações do dia a dia, comecei a frequentar o Centro de Convivência dos Idosos, para jogar com meus colegas jogos de cartas e participar das novenas. Como era bom passar a tarde ali, quantas alegrias e conversas boas saíam na mesa do jogo. Que saudades eu sinto de lá, como é triste passar na frente do prédio e ver tudo fechado por causa da pandemia. Ainda me dá alegria porque vejo a Cleusa no escritório, sempre pergunto quando vamos voltar e ela sempre me diz com muita esperança “Em breve Sr. Agenor, tenha calma, a vacina vai chegar para todos e vamos voltar no prédio novo”. Graças a Deus eu e a Tereza já estamos vacinados, agora é esperar a turma receber a vacina para voltarmos a nos reunir todas as tardes.



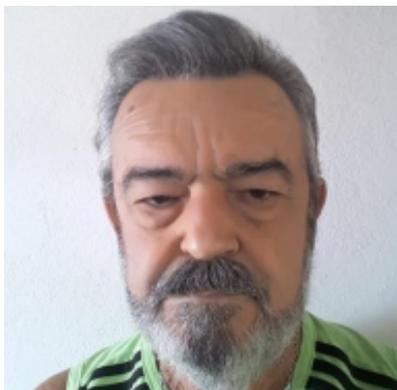
Alice Expedita Araújo Moreira

Me chamo Alice Expedita Araújo Moreira, nascida no dia 29 de 1936 em São José da Varginha. Vivi parte da minha vida morando na roça com meus pais e 6 irmãos. Era uma vida cheia de desafios, com momentos bons e também momentos ruins, mas sempre com a esperança e muita fé em Deus de que viria dias melhores. Casei aos 17 anos e vivi casada 42 anos com o meu marido e desse matrimônio tivemos 9 filhos, graças a Deus todos com saúde. São 5 mulheres e 4 homens. Era um tempo com muitas dificuldades mas vencemos.

Depois resolvemos mudar para a cidade em busca de novas oportunidades. Nossa casa era alugada, os filhos ainda pequenos mas como Deus sempre olha por nós, ganhamos um lote e com a ajuda de alguns amigos conseguimos construir nossa casa. Todos cresceram, começaram a trabalhar e se casaram. Tenho 5 genros, 4 noras, 13 netos e 3 bisnetos. Somos uma família humilde, honesta e com muitos amigos

Vivo muito feliz, hoje estou com 85 anos, muitos falam que pareço ter 50. Graças a Deus tenho saúde e consigo cuidar das minhas atividades domésticas. Agradeço aos amigos e amigas do Centro de Convivência que considero sendo a minha 2ª casa, onde eu era muito feliz e bem recebida antes de encerrar momentaneamente as atividades presenciais. Tenho esperança que logo, logo tudo vai voltar ao normal e poderemos dançar, sorrir, se alegrar e rever os amigos novamente.

Agradeço as visitas e mensagens positivas que recebo da Cleusa (orientadora social), trazendo consigo o carinho da equipe do Centro de Convivência na minha casa em datas comemorativas (Natal, Páscoa, dia das mães, dia do idoso e etc.) faz com que a gente se sinta acolhida nestes momentos de isolamento social causada pela pandemia do Covid-19 que tirou nossa liberdade de ir e vir dos lugares que antes frequentávamos. Desejo a todos felicidades e saúde e que Deus proteja todos nós.



Antônio Dias

Olá meu nome é Antônio Dias, tenho 75 anos e nasci em Divinópolis no dia 13/06/1945, aos 2 anos de idade me mudei com minha família para Pará de Minas onde fomos morar na casa que foi dos meus avós paternos. Minha infância foi na antiga Vargem da Posse, hoje conhecida como bairro São Geraldo, éramos seis filhos sendo cinco mulheres e um homem. Estudei meu primeiro ano no Asilo onde hoje é a FAPAM e também no Governador Valadares. Ainda lembro das minhas duas professoras, dona Alzira e Maria Selma que foi das outras salas. Depois me transferiram para a escola Torquato de Almeida mas não pude concluir o 4º ano porque fui atropelado por uma caminhonete que me arrastou por mais de três metros, vindo a quebrar minhas pernas e meus braços, além disso tive um corte no rosto e levei 12 pontos. Acordei quando estavam suturando minha boca e vi meu pai todo sujo com seu facão na cinta. Foram dias difíceis para ele pois, meu pai tinha que me levar no colo todos os dias ao hospital para fazer curativos. Quando melhorei aproveitei bem a minha infância com várias brincadeiras, jogava bola de gude, bilosca, fazia carrinhos de fruta de lobeira, brincava de arco com pneu, etc. Mas nem tudo era brincadeira, naquela época fui trabalhar em uma carroça com dois burros ajudando meu pai a puxar barro para o depósito e amassar na pipa. Depois em 1959 com 13 anos e meio fui trabalhar na fábrica para pregar taco de madeira. Com 14 anos eu já estava fichado, trabalhando dentro de uma fábrica com um contrato de 4 anos e recebia metade de um salário-mínimo.

Em 31 de agosto de 1963 fui trabalhar como ajudante de caminhão, puxando lenha, cascalho, areia e outros materiais. Mais tarde passei a trabalhar na oficina mecânica de caminhões. Consegui tirar minha carteira de habilitação, mas não exerci a profissão a pedido da minha mãe. Em 1º de julho de 1965 eu comecei a trabalhar na fábrica têxtil do sítio como ajudante de pedreiro e depois também fui auxiliar de acabamento. Nesta ocasião eu era solteiro e tinha o vício da jogatina, jogava a valer cartas e sinuca. Porém em 1968 resolvi mudar minha vida para melhor, vendi minha bicicleta, meu blusão e meu par de botas de couro, dei de entrada num lote de 720m² no Capão da Taquara em frente a Fibril. Eu gostava muito de farra e assim pedi para trocar meu horário de trabalho para sair

com os meus amigos. Mais tarde resolvi trocar o lote em um barracão sem acabamento no Bairro Nossa Senhora de Fátima, terminei a construção e aluguei para minha irmã por dois anos. Conheci minha atual esposa Luzia Maria da Silva, casamos e tivemos três lindos filhos, dois meninos e uma menina que nos deram netos com muita saúde.

Em abril de 1974 fui trabalhar de motorista com transporte de carga seca e depois carga viva (frangos e bois) e só saí da firma em 30 de abril de 1997 e fui trabalhar como autônomo no meu próprio caminhão. Em 2011 encerrei minhas atividades e vendi meu caminhão, depois veio a depressão e achei que eu não superaria as crises, mas venci com as graças de Deus, da minha esposa, dos filhos e com ajuda dos remédios. Conheci então o Centro de Convivência onde fiz muitos amigos e para também ocupar o tempo faço caminhada todos os dias. Outra distração é falar em casa pelas repetidoras de rádio de comunicação com os motoristas na estrada. Gosto de levantar cedo todos os dias às 5:00 e coar o café, levo na cama para minha esposa, depois molho as plantas e vou para o rádio. Quando é 7:00 saio para caminhar mas antes trato dos pássaros e os coloco para tomar sol. Gosto de preparar o almoço e comer junto com minha esposa. Se Deus quiser dia 13/09/2021 nós faremos 48 anos de casados, mais 6 anos de namoro e noivado. Essa união já vai para 54 anos. Agradeço a todos por me dar esta oportunidade para escrever estas loucuras.



Antônio Gomes

Olá, me chamo Antônio Gomes e vim contar um pouco sobre minha história de vida... Vamos lá!

Sou filho de Revindo e Conceição, nasci no povoado de Ripas, próximo à Nova Serrana onde fui registrado. Mudamos para Divinópolis e fui batizado na igreja matriz, tive uma infância simples com muitos amigos e éramos inseparáveis, Sílvio, Teodoro, Carlinho e Enedino. Divertíamos muito, íamos nadar pelados em um ribeirão próximo à minha casa onde aconteceu um episódio hilário, enquanto estávamos na água nos divertindo, um homem por pura sacanagem escondeu nossas roupas no mato, tivemos que implorar e chorar muito para ele nos devolvê-las e ainda saiu às gargalhadas. Muitos outros episódios marcaram minha infância, mas não cabe neste texto.

Minha escola só tinha duas salas e duas professoras que aplicavam todas as matérias para duas turmas, uma matutina e outra vespertina. O rigor era parecido com o dos meus pais. Dona Célia Amarante Silva, uma professora severa a quem devo respeito e gratidão pela competência e dedicação em ensinar o BÊ, A, BÁ para as crianças de pés descalços. Comecei a trabalhar muito cedo, com apenas sete anos já saía com meus irmãos mais velhos de casa em casa para comprar garrafas e revender obtendo um pequeno lucro que era todo entregue nas mãos do meu pai, porém aceitávamos como normal. Nos domingos ia sempre à matinê assistir bons filmes e seriados emocionantes, como “O Terror dos Espiões”, “Mulher Pantera”, entre outros.

Aos dez anos meu pai, percebendo a minha habilidade para desenhar, me arrumou um emprego em uma oficina de pintura de letreiros e placas. Como me sentia bem na área de desenho, me desenvolvi gradativamente. Fiz um curso por correspondência de desenho artístico, comercial e publicitário no Instituto Universal Brasileiro. Fiz muitas amizades e conheci várias garotas as quais eu fazia serenata aos sábados. Muitas delas se interessaram por mim devido à popularidade que tinha pelo motivo de tocar violão e cantar músicas italianas e principalmente da jovem guarda, porém não me envolvi profundamente com nenhuma delas. Mais tarde comecei a cantar no coral Santo Antônio onde a regente era

uma senhora simpaticíssima de meia-idade de nome Djanira Luísa dos Santos, fazíamos apresentações de músicas sacras e profanas em igrejas de Minas, chegamos a apresentar na extinta TV Itacolomi. Fiquei de coração dilacerado quando recebi a notícia da morte de nossa regente.

Aos quinze anos migrei para Belo Horizonte, trabalhei como publicitário em várias agências. Me casei em 1971 e tive três filhos, porém Deus levou o terceiro de nome Maurício com uma semana de vida. Vivemos algum tempo em Pará de Minas. Conheci várias pessoas influentes ligadas a cultura e arte. Criamos a ASPAC, a associação paraminense de arte e cultura onde fui eleito o primeiro presidente. A ASPAC tinha como objetivo proteger o patrimônio cultural e incentivar iniciativas ligadas ao tema e também promover eventos. Lançou o livro do saudoso Robson Correia de Almeida: “Pará de Minas sua História e sua Gente”. Promoveu eventos culturais e artísticos, tais como a 1ª semana de arte de Pará de Minas, incentivou a criação da “Casa de Cultura”, e a “Escola de artes e ofícios (CICA)”. Seu maior feito, a fundação do Museu histórico da imagem e do som de Pará de Minas, onde meu nome figura na placa comemorativa de inauguração. Voltei para Belo Horizonte e me separei amigavelmente com total aprovação dos meus filhos. Voltei a estudar que já era um sonho antigo. Algum tempo depois Deus colocou em meu caminho uma garota incrível que conheci no Supletivo Visão onde completei o ensino médio.

Não demorou muito tempo e nos casamos. Tivemos dois filhos em Belo Horizonte, viemos para Pará de Minas onde tivemos mais um filho. São agora 25 anos de convivência com pequenas turbulências, porém de uma forma geral harmoniosa com três filhos maravilhosos que Deus nos deu. Pode não ser interessante mas é minha história!



Antônio Nogueira Lemos

Olá, me chamo Antônio Nogueira Lemos e vim contar um pouco sobre minha história de vida... vamos lá!

Nasci em 28 de novembro de 1951, em um lugar chamado Caldas, hoje pertencente à cidade de Onça de Pitangui, onde vivi até os meus vinte e um anos. Tudo na roça era muito difícil, para estudar tinha que caminhar por 10 km pois a escola ficava a 5 km de distância da minha casa e era só até o terceiro ano primário, sendo o primeiro ano ministrado pela Dona Narcisa, segundo e terceiro pela Sra. Delan. Para estudar o quarto ano tive que vir para Pará de Minas, onde terminei os estudos com a professora Dona Tulinha e fiquei morando na casa do Senhor Lico Barbosa.

Desde criança trabalhei na roça, fazia todo tipo de serviço, mas não era o que eu queria, eu desejava um emprego na cidade grande. Quando fiquei maior de idade, pedi para um primo arrumar uma vaga na capital para mim, até que um dia roçando pasto para um fazendeiro no final do trabalho eu estava muito cansado, peguei minha foice e joguei fora no meio de um brejo e disse “Se Deus quiser, nunca mais farei esse tipo de serviço”.

E Deus me ouviu...Dois dias depois meu primo me disse que uma vaga havia saído para mim em uma fábrica de televisão em Belo Horizonte. Fiz minha mala, fui para casa de uma tia, onde ela me acolheu como um filho. Estava indo muito bem no meu serviço na fábrica mas o salário era pouco e ainda era pago atrasado. Depois de quatro meses apareceu uma oportunidade em uma metalúrgica onde o ordenado era

melhor e o pagamento era em dia. Lá me tornei soldador, mas ainda não era o que eu queria. Como eu já tinha tirado a minha carteira nacional de habilitação eu sonhava em ser caminhoneiro, então depois de três anos trabalhando nessa empresa eu saí, fui atrás dos meus sonhos e consegui um emprego como motorista de caminhão em outra empresa com uma remuneração ainda melhor.

Foi nessa época que aconteceu um fato comigo que eu nunca esquecerei. A minha tia morava em uma vila na beira da linha férrea, lá perto morava um senhor chamado Valdemar que tinha problemas mentais e bebia muito, um dia eu estava chegando em casa

mas tinha que descer uma rampa muito alta e aprumada para atravessar a linha, nessa rampa estava o senhor bêbado querendo descer, porém não dava conta, então perguntei se ele queria ajuda e ele disse que sim, segurei seu corpo e descemos abraçados até o barraco onde era sua casa, chegando no barracão não havia luz e o Valdemar ficou procurando algo em um canto escuro pois, já era noite, perguntei ao homem o que ele estava tentando achar, e ele me disse “Meu filho, aqui tem uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, vem aqui toque nela, quando precisar você pede e ela vai te ajudar”.

Poucos dias depois, em uma viagem para perto da cidade de Patrocínio/MG, quando eu já estava quase chegando no local em que ia trabalhar, um caminhão boiadeiro estava me ultrapassando quando o pneu dianteiro do meu caminhão estourou e eu perdi o controle da direção, quando eu senti que ia capotar chamei por Nossa Senhora Aparecida, o caminhão capotou três vezes, até ficar de pé de novo, o assento do meu banco saiu e quando o caminhão ficou de pé, eu estava sentado no fundo da cabine e se ele não tivesse saído do lugar, eu teria morrido ou ficado gravemente ferido pois, não caberia eu sentado entre o banco e o teto. A porta do meu lado apesar de amassada, ficou aberta, onde foi possível sair depressa e subir para a beira da rodovia, onde o pessoal que vinha chegando, me perguntava se o motorista havia morrido. Ninguém acreditou que eu era o motorista, eu estava sem nenhum arranhão, foi um verdadeiro milagre! Mais tarde, tive que colocar outra cabine no caminhão, e foi nesse momento em que eu me lembrei do Senhor Valdemar, que havia me dito para que quando precisar, era para pedir à Nossa Senhora Aparecida que ela ia me ajudar. Ela me ajudou!

Quando voltei para BH a firma me mandou ir para Diamantina prestar serviço para uma dragagem de diamantes, fiquei lá nove meses. Foi onde comecei a juntar minhas economias. Nesta firma as atividades eram fora, então meu pagamento era livre de hospedagens e passagens para ir embora.

Como eu pensava em construir minha casa, comprei um lote aqui em Pará de Minas e comecei a adquirir materiais para construção, aí veio uma crise de serviço e fiquei cinco meses recebendo sem trabalhar, até que a firma teve que dispensar alguns funcionários e eu fui um deles. Como trabalhei nessa firma há quase seis anos, eu já tinha uma boa experiência com caminhões, então pensei que invés de construir eu compraria um caminhão e com os lucros desse trabalho eu ganharia dinheiro para construir minha casa. Graças a Deus deu tudo certo, comprei o caminhão, construí minha casa, casei, tive duas filhas e sempre viajando, eu vinha em casa só nos finais de semana. Era muito cansativo, mas sempre gostei, trabalhei em vários tipos de transportes de carga e por último trabalhei 12 anos no transporte de combustível.

Era um serviço bom, mas muito propenso e perigoso para acidentes e assaltos. Perdi vários colegas que morreram carbonizados, mas graças a Deus eu não sofri nenhum

acidente. Entretanto, fui vítima de assalto com sequestro relâmpago, fiquei na mira da arma de traficantes por algumas horas, pegaram meu caminhão para fazer transporte de drogas, me levaram para o meio do mato as margens de uma rodovia. Deixaram uma pessoa com a arma apontada para minha cabeça das 22:00 às 3:00 da manhã, quando voltaram, deixaram o caminhão perto de onde eu estava, pegaram a pessoa que estava lá me vigiando e foram embora, graças a Deus não fizeram nada comigo! Trabalhei por mais algum tempo e depois que me aposentei, resolvi parar de trabalhar.

Entre as idas e vindas, comecei a frequentar o Centro de Convivência que era muito bom, até que veio essa pandemia e acabou com o nosso prazer. Agora é rezar e esperar que esta pandemia acabe para termos nossa vida normal de volta.



Aparecida Maria da Cruz

Olá, me chamo Aparecida Maria da Cruz e tenho 63 anos, vou contar um pouco da minha história...

Meus pais moravam na zona rural de Lagoa Preta e mudaram para Pará de Minas quando eu tinha um mês de idade para termos uma vida melhor. Tínhamos uma família grande, éramos 7 irmãos e meus pais para sermos sustentado com um salário-mínimo que meu pai ganhava como empregado da prefeitura. As dificuldades eram muitas e com o pouco que meu pai recebia de pagamento não dava para comprar o básico, que era a alimentação para a família.

Nesta época de “vacas magras”, passávamos muita fome e eu com meus irmãos saíamos nas ruas para pedir de casa em casa, sobras de comidas para levarmos para casa e garantir o nosso sustento a noite. Por algum tempo começamos a receber comida do Hospital e da barraquinha perto da Igreja Nossa Senhora das Graças que serviam alimentação para as famílias mais necessitadas e fomos agraciados com essas marmitas solidárias.

Houve uma certa ocasião, que minha mãe adoeceu com problemas psicológicos e teve que ficar internada no hospital Galba Veloso em Belo Horizonte, assim os irmãos foram separados, alguns ficaram com os vizinhos e eu com 2 anos fui morar com minha vó. Ela também não tinha boa condição financeira para cuidar de mim, assim fiquei sabendo quando era mais mocinha que para matar a minha fome, muitas vezes minha vó colocava açúcar em um paninho e punha na minha boca para eu chupar e me acalmar

porque não tinha leite em casa para fazer a mamadeira pela manhã, somente a noite era feita minha mamadeira para eu não dormir com fome.

Lembro-me bem que às vezes quando minha mãe ia fazer compras no centro da cidade, eu pedia para ela trazer uma cocada para mim, mas ela sempre me dizia que o dinheiro não dava para comprar, porque eu tinha mais irmãos e se me desse teria que comprar para eles também. Minha infância foi muito difícil, desde os meus sete anos já tive que assumir a responsabilidade de ser babá, para ganhar alguns trocados ou um pouco

de guloseimas que as patroas davam para seus filhos e eu comia o resto que eles largavam no prato.

Ainda adolescente, eu e meus irmãos saíamos pelas ruas de comércio recolhendo papelões e outros recicláveis para vender e ajudar nas despesas de casa. Como crianças que nós éramos, também queríamos brincar, mas não tínhamos brinquedos, lembro que peguei em uma loja enquanto eu recolhia os papelões, um pacote de balões coloridos que estava no chão e levei para casa toda feliz para brincar no quintal. Mas a brincadeira não durou muito, pois minha mãe me questionou onde eu tinha conseguido aqueles balões e assim tive que contar a verdade e com isso eu levei uma surra que tiveram que me internar no hospital para curar os meus ferimentos feito por ela com sua disciplina severa. Com essa lição eu aprendi que nunca devemos mexer nas coisas que não são nossas e a não pegar nada de ninguém, eduquei meus filhos com o meu exemplo.

Como contei minha infância e adolescência foram marcadas por muita tristeza e sofrimento, querendo ter uma juventude melhor, comecei a namorar e casei muito cedo aos 17 anos. Porém meu conto de fadas não aconteceu e meus pesadelos só mudaram de endereço. Meu marido adoeceu e com isso perdeu o emprego e sua fonte de renda, aí a dificuldade e a fome voltaram a assombrar minha casa. Em muitas ocasiões a fome era muita e para enganar o estômago eu comia farinha de mandioca misturada com açúcar e bebia água por cima para saciar a fome. Além de conviver diariamente com a incerteza se teríamos o que alimentar no dia, eu ainda era agredida por palavras e violência física pelo meu marido em casa. Eu tinha medo de denunciar e assim minha vida ficou ainda mais complicada pois, na ocasião, não existia a proteção à mulher e a lei Maria da Penha como existe hoje em dia.

Mantive casada e os filhos vieram com o tempo. Em uma noite de Natal eu grávida de 4 meses e sem nada para alimentar, tive uma grande alegria, recebi a visita de um irmão e me trouxe um punhado de quiabo e um frango de presente para celebrar o nascimento de Jesus. Quanta fartura eu tive naquele dia.

Na segunda gravidez meu marido arrumou um bom emprego e as coisas já começaram a mudar lá em casa, aí já tínhamos dinheiro para alimentar melhor e viver dignamente. Com o tempo nasceu uma filha da minha terceira gravidez, que batizei com o nome de Roselaine e graças a Deus, tivemos condições de pagar uma pessoa para me ajudar nos afazeres domésticos e cuidar dos filhos. E agora com a melhora financeira eu que vivia mendigando alimentos na casa dos outros, pude retribuir ajudando também a quem necessitava doando alimentos.

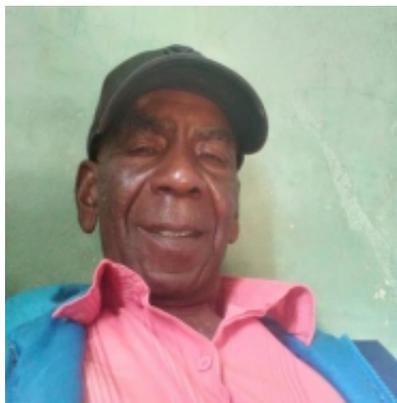
Minha viuvez veio quando eu completei 52 anos, meu marido adoeceu com problemas renais e faleceu com 56 anos de idade, deixando para mim sua aposentadoria e uma casa muito boa onde ainda moro, recebo meus amigos, meus 3 filhos e meus 4 netos

sendo, 3 homens e 1 netinha, agora sou também bisavó de uma menininha.

Sou muito feliz e graças ao bom Deus, gozo de boa saúde física, sou independente para fazer as minhas obrigações domésticas, sempre pronta para ajudar a quem precisa, sei administrar minha aposentadoria, e nunca falta nada na minha casa. Procuro ser uma pessoa feliz e comunicativa, frequentava regularmente o Centro de Convivência dos Idosos, onde fiz muitos amigos e adorava vestir minhas melhores roupas e dançar um forrozinho junto com meu companheiro nas tardes de quinta-feira no Centro de Convivência.

Rezo a Deus, faço minhas novenas e suplico todos os dias para que esta pandemia acabe logo e assim podermos voltar à rotina de abraçar e ser abraçada, tirar a máscara e sorrir para uma pessoa amiga quando nos encontrarmos na rua. Hoje é 13 de Abril de 2021 e eu ainda não fui vacinada contra a Covid-19 mas tenho fé que em breve a minha vez vai chegar e enquanto isso continuo a me cuidar para não ser contaminada pelo vírus e virar uma triste estatística.

Sei que todo mundo está confuso, cheio de incerteza quanto ao dia de amanhã, que nossos planos estão guardados nas gavetas e nós isolados em nossas casas, mas a minha fé é maior e sei que em breve viveremos dias melhores e celebraremos a vida.



Benedito da Conceição da Silva

Meu nome é Benedito da Conceição da Silva, mas todos me chamam de Dito. Nasci em Jacareí, estado de São Paulo. Quando eu era pequeno morei em Maringá, a vida era difícil, morávamos em acampamento. Lá perdi meu pai com apenas 5 anos. Foi um tempo de dificuldades porque minha mãe não tinha como sustentar os filhos sozinha, então ela conseguiu na empresa um passe para viajar, foi aí que viemos para Pará de Minas. Éramos 4 irmãos, mas minha mãe teve que deixar um para trás porque não tinha condições de trazer ele conosco. Aqui procuramos uma irmã dela que arrumou um barracão no bairro São Vicente de Paula e assim minha mãe conseguiu um emprego de doméstica. Fomos crescendo e os irmãos mais velhos foram conseguindo emprego. Eu ia para a escola e ficava com minha tia durante o dia e via minha mãe só a noite quando ela voltava do serviço. Com o tempo ela conseguiu buscar o outro irmão mais velho lá em Maringá, eu já não ficava na companhia da minha tia porque, o serviço da casa ficava na minha responsabilidade.

Aos 12 anos saí da escola e fui trabalhar na fábrica de tecido chamada Melhoria de Pará de Minas, naquela época menor de idade podia trabalhar e foi minha alegria pois, eu poderia então ajudar minha mãe com as despesas da casa. Mas essa felicidade de contribuir com o que ganhava durou pouco tempo, com 2 meses que comecei a trabalhar minha mãe veio a falecer, então eu e meus irmãos estávamos órfãos de pai e mãe, foi aí que fomos morar com meu outro irmão que era casado e morava no fundo da casa do seu sogro.

O tempo foi passando e fui crescendo, meus irmãos se casando e eu como era o caçula, comecei a morar com a família da esposa do meu irmão. Num certo período trabalhei com Lurdinha na fábrica, ela era cunhada do meu irmão e aos poucos passamos a gostar um do outro e casamos, foi a melhor época da minha vida. Mas teve um período ruim também, foi quando me entreguei sem controle para a bebida fazendo minha esposa e meus filhos sofrerem, isso acabava comigo. Tive muita vontade de parar de beber porque minha mãe era alcoólatra e eu me sentia muito mal fazendo minha família sofrer como sofri.

Mas um dia com os pedidos da minha família, Deus olhou por mim ajudando a me libertar da bebida. Agradeço muito a Deus por atender as minhas preces e da minha família, hoje sou uma pessoa feliz com esposa, filhos e netos que me amam, tudo o que tenho devo a eles. Agora encerro com essa frase que sempre falo: “Não tenho tudo o que eu quero, mas amo tudo que tenho”.



Conceição Soares Altivo de Paulo

Meu nome de batismo é Conceição Soares de Faria, depois de casada comecei a assinar Altivo de Paulo. Hoje estou com 65 anos, sou natural de Nova Serrana e com uma vida cheia de dor para contar mas com muitos momentos de alegria também. Fiquei órfã de pai e mãe com 15 anos, nessa idade toda mocinha sonha com uma festa de debutante e eu estava enterrando minha mãe e 6 meses depois enterrei meu pai também.

Fiquei na responsabilidade da minha irmã que brevemente se casou, porém ela e o marido não quiseram que eu ficasse morando na casa deles e mesmo eu tendo outros irmãos eles também não me aceitaram. Fui trazida para Pará de Minas para morar com uma prima, ficamos morando juntas até eu completar 23 anos e sair de casa para casar com meu atual marido. Pensei que teria uma vida melhor, mas não foi o que aconteceu, ele bebia muito e só me fazia sofrer. Eu trabalhava muito também como doméstica para ajudar nas despesas de casa.

Engravidei com 24 anos e tive minha primeira filha que batizei com o nome de Raquel, um ano depois veio outra filha, Lucimara. Nessa época eu não pensava mais em mim, só nas minhas crianças. Liliane chegou depois de 3 anos na minha vida e completou minha alegria de ser mãe. Pensava tanto nelas, queria tanto o bem delas que eu sofria com isso, não tinha mais o amor do meu marido, devido a bebida ele se afastou de mim e não existia mais o carinho e o respeito. Pensava comigo que estava tudo bem assim, só as filhas bonitas que ele me deu já compensava por tudo que sofri calada.

Quando elas já estavam criadas aí veio minha doença, mas Deus não abandonou a mim e nem as minhas filhas. Sofri muito por saber que eu estava doente e precisa de tratamento, foi aí que vim a frequentar o Centro de Convivência e encontrei a alegria de viver. Hoje sou uma pessoa iluminada por Deus, minhas filhas estão bem e com saúde, tenho netos e um bom relacionamento com meu marido. Hoje procuro ajudá-lo como posso, acompanhando sua ida ao médico pois, ele está passando por problemas de saúde, precisa fazer cirurgia e está aguardando a pandemia acabar para ser operado.

Tenho sentido muita falta da minha filha Lucimara, mas não é isolamento social que

está nos separando, ela já não vem me visitar há 2 anos. As minhas outras filhas também ficam muito tempo sem aparecer aqui em casa, as vezes ligam mas são momentos raros. É bastante triste ficar longe delas, queria ser mais próxima, mas meu neto está se mostrando diferente delas pois ele tem muito carinho comigo e me liga frequentemente para saber como estou. Não perdi as esperanças, Deus está sempre comigo e rogo a Nossa Senhora para protegê-las e não deixar que seus filhos façam com elas o mesmo que fazem comigo.



Cristino do Nascimento

Quero contar um pouco da minha vida, me chamo Cristino do Nascimento, nasci em Itabirito numa família numerosa, mudamos para Perdigão e fomos morar em uma casa simples conhecida como tapera, que ficava perto da rodovia. Era um lugar simples mas muito bonito, tinha muitas frutas e um córrego de águas limpas onde eu e meus irmãos podíamos nadar e pescar.

Desde criança eu trabalhava na colheita do arrozal que era pertinho de casa e também plantávamos abóbora e outras verduras para o consumo. Meu pai era carvoeiro e minha mãe ficava em casa cuidando dos filhos e nos levando para a escola. Abandonei os estudos aos 15 anos porque eu não era muito bom na disciplina de matemática, mas gostava de geografia e fui ótimo em história. Um dia quando menos esperávamos um representante do DER veio à nossa casa com o convite de levar meu pai para trabalhar na cidade de Araxá com fabricação de carvão para o estado. Arrumamos as coisas, partimos para lá e fomos recebidos com todo prestígio.

Comecei a trabalhar de caseiro para um senhor que tinha posses, ele teve muita estima comigo, com isso sempre fui presenteado pela família dele e era levado com eles para passear de carro por todo lado. Depois comecei a trabalhar no Hotel Colombo como faxineiro, foi quando meu pai pediu transferência para Perdigão, voltamos e conheci a minha saudosa esposa Lina Antônia com quem namorei e me casei. Mudamos para Pará de Minas com a nossa primeira filha nos braços, Maria Cristina, de 1 ano. Aqui comecei a trabalhar na Siderúrgica Alterosa e com o tempo fui trabalhar também no DER.

Agora me encontro aposentado e com 76 anos bem vividos. Sou pai de 10 filhos e sinto muito orgulho deles, são pessoas do bem, honestas, trabalhadoras e posso afirmar com toda certeza que sou tão feliz dizendo isso porque eles são guias dos meus passos e moram dentro meu coração. Perdi uma esposa no dia 15/07/2015 por complicações de diabetes, hoje moro com minha filha Patrícia, que me ajuda nas tarefas domésticas e me faz companhia. Tenho uma família unida graças a Deus e antes dessa pandemia sempre reuníamos em datas comemorativas com alguns amigos para eu tocar uma boa sanfona e

meu filho tocar violão enquanto cantamos músicas que alegram as festas.

Antes da Covid-19 eu sempre frequentava o Centro de Convivência para dançar o tradicional forró e ia também nas novenas e festas típicas abertas para nós idosos, agora com a pandemia somos obrigados a ficar mais reclusos em casa. Já fui vacinado com as 2 doses da vacina e rogo a Deus que mande ela a todos, para que possamos voltar ao Centro de Convivência com a mesma alegria de sempre! Esse é um resumo da minha história de vida.



Eva Ferreira de Oliveira

Hoje dia 15/03/2021 estou em casa deitada na minha cama em quarentena pois, eu e minha filha testamos positivo para Coronavírus. Aceitei o desafio de colocar no papel minhas lembranças das coisas boas e até mesmo das coisas ruins e fui recordando os detalhes para contar a minha história de vida.

Recebi o convite via Whatsapp do Centro de Convivência dos Idosos com o título, “Minha história, contada por mim”, me incentivando a escrever minhas memórias e após ter lutado muito em aceitar o desafio explicando que não levo jeito para escrever pois ainda lembro com detalhes de como eu era ruim na disciplina de redação ou composição como era chamado na minha época da escola, mas a Cleusa me convenceu. Então aqui estou, relembrando cada momento de alegria, tristeza, das conquistas e da minha paixão que é dança.

Eu me chamo Eva Ferreira de Oliveira, nasci no dia 04/01/1955, tenho hoje 66 anos e vim de uma família de 5 filhos, sendo eu a caçula deles. Morávamos na roça e como tudo era muito difícil, eu e meus irmãos fomos criados na lida junto com meus pais no campo. Quando completei 20 anos de idade, resolvi mudar para a cidade de Abaeté e logo comecei a trabalhar como enfermeira no hospital de lá. Fiquei exercendo a função por 4 anos com muita dedicação para me profissionalizar na área da saúde.

Nesse período conheci meu marido com quem namorei por 2 anos e casamos em 1979. No início do casamento tudo era bom, diria que foi maravilhoso, mas com o tempo as coisas foram se desgastando e o vício pela bebida deu fim a um matrimônio de 24 anos. Desta união fui abençoada com um casal de filhos. Engravidei da minha

primeira filha com 28 anos e 3 anos depois tive um menino. Hoje meus filhos têm 37 e 33 anos e tenho quatro netinhos, sendo três meninos e uma menina. Entre os anos de 1979 a 1981 dediquei-me exclusivamente aos cuidados do lar, abandonando a carreira profissional. Mas não me arrependo da minha escolha de ver os meus filhos crescerem perto de mim.

Em 1981 decidimos nos mudar para Pará de Minas onde fixamos moradia. Como já

tinha experiência em enfermagem arrumei emprego no antigo “FUMUSA” e com seu fechamento fui transferida para o Hospital Nossa Senhora da Conceição, onde trabalhei como enfermeira e depois fui para o setor de análise clínica.

Separei do meu ex-marido no ano de 2003 e como nunca tive medo do trabalho arrumei mais um emprego na Policlínica, exercendo assim jornada dupla por 9 anos para criar meus filhos e sustentar a casa. Graças a Deus tudo deu certo em minha vida, meus filhos constituíram famílias, eu me aposentei do Hospital em 2007 e continuei a trabalhar na Policlínica vindo a aposentar pela segunda vez em 2015.

Mas se engana quem acha que estou parada, pois continuo a trabalhar, faço plantão particular e me ocupo com outros afazeres, inclusive frequentava sempre que podia o Centro de Convivência no dia do tradicional forró antes da pandemia. Minha paixão é dançar, me recordo que com dez anos já me interessei pela dança, mas tive que parar por um tempo por causa do trabalho doméstico, dos filhos, marido e dos dois empregos não sobrando tempo para ir aos bailes quando era convidada, mas quando voltei a dançar tudo se iluminou de novo na minha vida, então decidi que eu não iria mais parar, estava me sentindo realizada, feliz e fazendo bem para minha saúde física e mental.

Por enquanto eu sei que estamos vivendo em isolamento social mas acredito em Deus e que em breve estaremos todos vacinados e poderemos voltar a frequentar os salões de danças com a mesma alegria de antes sermos surpreendidos pelo Covid-19, que fez o mundo inteiro parar e ressignificar a vida. Minha pretensão é que eu viva muitos anos ainda e volto a dançar por mais uns 24 anos ou mais.



Geralda da Silva Moreira

Oi, eu sou a dona Geralda da Silva Moreira, tenho 81 anos, sou natural de Pequi. Na infância fui criada na roça com meus pais e meus irmãos. Lá me lembro bem, tudo era muito simples, mas nós éramos unidos e felizes. Tínhamos que começar a trabalhar ainda bem cedo para ajudar os pais.

Com 18 anos conheci meu namorado, que veio a se tornar meu esposo. Seu nome parecia com meu era Geraldo Moreira, antigamente a gente namorava no sofá da sala com os pais vigiando o casal, tudo tinha que ser com muito respeito. Casei com 21 anos, continuamos a morar na roça e depois de um tempo vieram meus 8 filhos. Resolvemos que iríamos mudar para Pará de Minas em busca de uma vida melhor para os nossos filhos. Apesar de não conhecermos a cidade, graças a Deus deu tudo certo para nós.

Foi meu marido Geraldo que conheceu o Centro de Convivência dos Idosos e começamos a frequentar desde então e sempre fomos bem recebidos. Meu esposo veio a falecer, me deixando sem chão, fiquei arrasada, meu mundo tinha acabado, foi no Centro de Convivência que encontrei o apoio, acolhimento e a ajuda necessária para tirar força e continuar lutando.

Fiz amigos e aprendi muito a ser feliz. Sou muito grata por tudo e todos com quem tive o prazer de conviver durante tanto tempo. Agradeço a Deus por ter colocado vocês na minha vida, gratidão por ter uma família maravilhosa. Saúde e paz para todos nós,

nesse tempo de pandemia que estamos vivenciando ultimamente, que possamos em breve voltar a se reunir às tardes no Centro de Convivência novamente. Aqui está um pouco da minha história, espero que quem estiver lendo agora possa ter gostado.



José Cândido da Silva

Olá, meus amigos e minhas amigas da melhor idade! Meu nome é José Cândido da Silva, popularmente conhecido como Zezinho. Venho contar para vocês um pouco da minha história de vida. Vamos lá?

Minha infância foi de muito trabalho. Nasci, cresci e vivi boa parte da minha vida na comunidade rural de Penhas, município de Pará de Minas. Comecei a trabalhar aos 8 anos, trabalhei como guia de bois, apanhador de algodão e como auxiliar na construção da Rodovia 352, que liga Pará de Minas a Pitangui. Aos 13 anos, passei a trabalhar na lavoura para ajudar no sustento da casa. Fui o segundo de uma família de 13 filhos. João Cândido da Silva (Zico Cândido) e Maria do Rosário da Silva foram os meus pais. Nasci em 1939, o mesmo ano do nascimento daquela que se tornaria minha esposa, minha amada companheira Lúcia. Nossa história está ligada desde nossos primeiros anos de vida. Nós dois fomos batizados na mesma cerimônia, em 6 de agosto de 1939, pelo padre João de Matos Almeida, na comunidade carioca. Na infância éramos próximos e amigos, íamos para a escola e estudávamos juntos.

Fui criado no seio da Igreja Católica. Aos 17 anos fundei, com um grupo de pessoas próximas a mim, a Conferência Nossa Senhora da Penha e assumi o cargo de secretário. As reuniões aconteciam na residência do senhor José Altivo de Paulo, que viria a ser meu sogro. Tempos depois, iniciamos a construção de um pequeno salão para abrigar a nossa Conferência.

Minha adolescência e juventude foram marcados por muita responsabilidade e trabalho, mas também foram pelos terços, rezas e bailes que aconteciam no arraial dos Penhas e nas proximidades. Nossa diversão naquele tempo era jogar baralho, jogar peteca, brincar de roda, de passar anel, de “cair no poço”. Também era um prazer cantar, tocar violão e fazer serenatas. Foi um tempo muito feliz!

Aos 19 anos, Lúcia e eu começamos a namorar e quando estávamos com 21 anos nos casamos na antiga Matriz de Nossa Senhora da Piedade, em Pará de Minas. Fomos abençoados pelo Padre Hugo. Era uma tarde do dia 22 de maio de 1960. Em Penhas,

continuamos a morar, e nesse lugar tão querido constituímos nossa família. Nesse tempo, foi preciso que um dos meus cunhados e eu assumíssemos e terminássemos a construção do salão. A construção tinha o formato de uma capelinha e no final colocamos nela uma cruz. Por fim, passamos a contar com o salão que funcionava também como capela, com altar e imagens religiosas.

Depois de casado não vivi mais para mim, mas sim para minha família. Aos 36 anos eu já era pai de 9 filhos, um deles infelizmente morreu logo depois de nascer, o que foi muito triste para nós. Eu continuava a trabalhar nas plantações e em outras atividades rurais. Permaneci membro da Conferência até quando ela se findou e contando com uma capela pudemos ter, em Penhas, o culto dominical, missa uma vez por mês e rezas todos os anos durante os 31 dias do mês de maio. Foi um tempo de muita alegria. Eu era o dirigente do culto dominical e o responsável pela organização das rezas, pelas atividades da capelinha em geral. As rezas do mês de maio contavam com coroação a Nossa Senhora e após as orações não íamos embora logo, íamos conversar, contar casos ou fazer uma grande roda para brincar. Em volta do salão ficava cheio de gente. Moradores dos povoados próximos se uniam a nós nas celebrações. Na capelinha, foram realizados casamentos e batizados. Hoje vejo com tristeza o quanto o local está em completo abandono, há muitos anos, as cerimônias religiosas deixaram de ser realizadas lá. Restaram as boas lembranças e saudades, que ficarão para sempre.

Em 1976, foi preciso nos mudarmos para a cidade em busca de melhores condições de vida, principalmente em busca de escola pois, lá na roça só havia ensino

até o antigo quarto ano primário e trabalho. Meus filhos mais velhos com 16, 15 e 14 anos naquela época já podiam trabalhar, o que era necessário pois, nossos recursos eram poucos.

Em Pará de Minas, eu trabalhei como operário em indústrias de cerâmicas de tijolos e em empresas siderúrgicas. Também tive a alegria de participar da Conferência Nossa Senhora do Sagrado Coração, da Sociedade São Vicente de Paulo, e de chegar a ser presidente do Conselho Vicentino, que contava com 10 conferências e 50 famílias assistidas. Nessa época, quando estava no governo o presidente José Sarney, as conferências faziam a distribuição de tickets de leite para famílias carentes e todo o processo, sendo eu presidente do Conselho, ficava sob minha responsabilidade.

Em 1989, trabalhando na Companhia Siderúrgica Guanabara, fui eleito operário padrão do ano e esse reconhecimento trouxe alegrias para minha família. Além de prêmios e muitas homenagens recebidas, minha esposa e eu fomos presenteados com uma viagem de avião para o Rio de Janeiro com tudo pago, para ficarmos em um hotel 5 estrelas de frente para a praia por três dias. Eu fiquei com muito medo de viajar de avião, mas minha esposa que sempre gostou de passear, ficou muito animada e me encorajou a enfrentar o

medo. No final das contas eu amei viajar de avião, achei foi bom demais. Operários de outras partes do Brasil também estavam lá e foram muitos os passeios, almoços e jantares que compartilhamos.

Até nossos filhos estarem criados, moramos em Pará de Minas. Mas o nosso grande desejo era voltarmos a viver em Penhas. Em 1994 com quase todos os nossos filhos já casados voltamos para “o Penha”. Eu ainda não havia me aposentado, apesar de ter começado a trabalhar criança, fui por muito tempo trabalhador rural sem carteira assinada e isso atrasou minha aposentadoria.

Então a Lúcia teve a ideia de construirmos um bar no nosso terreno, pois assim teríamos de onde tirar nosso sustento; e assim fizemos, passamos os dois a trabalhar nesse bar que logo se tornou bastante movimentado. Fazíamos coxinha, bolinho de mandioca, doces variados, além dos muitos tira-gostos e jantares para nossos fregueses. Muita gente saía da cidade e ia para o nosso bar. Eu ficava no balcão e Lúcia na cozinha, nos finais de semana como o movimento era intenso e para podermos descansar, recebíamos ajuda de nossos filhos e genros. Trabalhamos duramente neste estabelecimento, tivemos um retorno muito bom e fizemos amizades, mas com o tempo eu fui me cansando até me sentir esgotado. Aos 65 anos, quando enfim me aposentei, pudemos fechar o bar. Lúcia ficou pesarosa, eu também, mas era chegada hora de diminuirmos o ritmo.

Sem as obrigações do bar foi possível aproveitarmos bem mais o “Penha”. Eu mantinha uma ou duas vacas e alguns bezerros. Eu tirava leite, nós cuidávamos do nosso terreno, dos pés de laranja, mexerica e mandioca. Lúcia tinha um jardim maravilhoso do qual cuidava com o maior carinho. Sempre que preciso, vínhamos para a cidade. Nessa época, já frequentávamos o Centro de Convivência dos Idosos e íamos ao menos duas vezes na semana. Na terça para rezar a novena e na quinta para o forró, e a gente dançava das 13 às 16 horas, praticamente sem parar. Também gostávamos de vir para a cidade no sábado para irmos a casa de shows e forró, Lúcia e eu sempre amamos dançar. Que saudade desse tempo!

E assim nossa vida seguia. Até que em 2009 a Lúcia foi diagnosticada com Mal de Alzheimer e mesmo assim continuamos a viver em Penhas até quando foi possível, ela ficou bem durante quase 5 anos, mas depois as coisas começaram a se complicar. Em 2015 tivemos que retornar para Pará de Minas.

Mas há outras alegrias que não posso deixar de mencionar. Uma delas foi a de ter frequentado a Escola de Formação Humana e Cristã por 3 anos, estudando teologia. Outra foi que em 2006 fui convidado a fazer o curso de Ministro Extraordinário e entrei para o Ministério, foi para mim uma honra muito grande poder desempenhar um papel que considero de grande importância.

Hoje, em meio a pandemia, me sinto sereno perante a doença da minha esposa. Isso

porque minha fé em Deus é muito maior do que a pandemia. Onde Deus está, tudo fica em paz e tranquilo. Minha fé me fortalece. Aproveito para dizer que tenho orgulho de fazer parte da família que se chama “Centro de Convivência de Idosos”. Há quase 22 anos, uma segunda família que muito prezo. Um grande abraço a todos, um beijo no coração e meu muito obrigado por fazer parte.



José Carlos de Freitas

Meu nome é José Carlos de Freitas, sou casado há 56 anos e desta união nasceram 8 filhos, 13 netos e agora 2 bisnetos.

Nasci na cidade de Leandro Ferreira e tive 5 irmãos. Mudamos para Pará de Minas em 1974 e trabalhei como torneiro na siderúrgica alterosa. Hoje sou aposentado e graças a deus tenho 79 anos com muita saúde e muita disposição para dançar e jogar baralho com meus amigos do Centro de Convivência dos Idosos. Com a minha idade tenho várias memórias para compartilhar, mais uma em particular mexeu muito comigo e com minha família.

Meu irmão Valdelino tinha o vício de beber demais e isso o deixava transtornado e agressivo, ele sempre saía para pescar e tinha o costume de acender uma fogueira para esquentar do frio a noite no quintal de casa. Nesta ocasião ele casou e continuou a morar perto da família e com o tempo teve uma criança de nome Maria, que era muito chorona e pirracenta. Certa noite, ao voltar da pescaria alterado por ter feito uso de bebida alcoólica ele começou a discutir com a esposa por causa da filha que estava chorando e foi tirar satisfação comigo achando que eu estava dando palpites na educação da minha sobrinha. Veio com violência para cima de mim querendo brigar e me dar murro, eu nesta ocasião era jovem com 18 anos de idade. E sem pensar nas consequências peguei uma espingarda que ficava pendurada na parede e quis atirar nele. Mas graças a Deus não cometi esse atentado contra meu próprio irmão.

Ficamos anos sem nos falar. Porém com o tempo cada um seguiu seu caminho e mudamos de bairro e aos poucos reatamos nossa amizade, mas ele continuava a beber e era muito teimoso. Certa ocasião, convidei ele para me ajudar a limpar a minha cisterna, ele foi como combinado, mas chegou em minha casa bêbado e mesmo eu dizendo que não iria mais fazer a limpeza, ele insistiu em descer na corda para o fundo da cisterna com 22 metros de profundidade.

Quando terminou de limpar ele subiu em cima da lata que estava amarrada na corda que puxava o barro, mas o peso do corpo dele fez com que a corda se rompesse e ele caiu

lá do alto no chão da cisterna ferindo gravemente as 2 pernas. Providenciei uma corda forte e descí até no fundo para ajudá-lo, com a queda ele tinha fraturado e cortado muito os pés, ficando preso somente pela pele, tive então que amarrar em sua cintura uma corda resistente e com ajuda dos vizinhos puxamos meu irmão para fora do buraco. Chamamos a ambulância e ele foi levado às pressas para o hospital e

transferido para o João XXIII onde passou por várias cirurgias e muitos meses de internação.

Depois desse episódio ele nunca mais teve a mesma saúde, teve trombose nas pernas e veio a falecer aproximadamente há 5 anos. É uma passagem muito triste da minha vida que não consigo esquecer. Agora nesta idade que me encontro ainda estou vivendo essa época difícil da pandemia, uma incerteza a cada dia, vejo amigos falecendo, somos obrigados a ficar trancados em casa e muito sofrimento em volta com vizinhos perdendo empregos e comércio fechando as portas. Somos obrigados a usar máscara e álcool nas mãos diariamente. A minha diversão antes do isolamento social era encontrar com meus colegas no Centro de Convivência dos Idosos e jogar nosso baralho, distrair a cabeça com uma boa conversa e ouvir um bom forró. Mas tenho fé em Deus que em breve tudo vai passar. Já estou vacinado e espero que a vacina chegue a todos para que em breve possamos inaugurar o novo prédio do centro de convivência.



José Eustáquio Calisto

Eu venci a Covid-19 em maio de 2021. Me chamo José Eustáquio Calisto, estou com 72 anos, fui caminhoneiro por 46 anos viajando pela estrada do Brasil e nunca me envolvi em acidentes nas BR por onde andei. Minha mulher se chama Maria das Dores de Oliveira, com quem tenho 5 filhos, uma filha infelizmente morreu com 29 anos

quando estava dando a luz. Fui nascido e criado em Pará de Minas e moro aqui perto do Centro de Convivência do JK, onde tenho muitos amigos e sou feliz. Descobri que estava contaminado pelo vírus Covid-19 em Maio deste ano. Tive muitas dores nas pernas, perda do paladar e olfato, graças a Deus não tive febre, mas fiquei internado por 2 semanas no Hospital Nossa Senhora da Conceição, onde fui muito bem tratado pela equipe médica e profissionais da saúde. Meu exame de plaquetas foi a 20 e não precisei ser entubado.

Mas a doença é terrível, a dor que a gente sente o corpo só pede cama para deitar. Ainda sinto muita falta de ar quando ando, porque eu era fumante. Mas graças a Deus estou bem pois, venci essa doença maldita que já tirou a vida de muitas pessoas mais jovens em todo mundo.

Estou na expectativa para que em breve eu receba a 2º dose da vacina e que todos sejam agraciados pelo imunizante. Que Deus nos proteja. Amém!



Julieta da Graça Policarpo

Olá me chamo Julieta da Graça Policarpo e vim contar um pouco da minha história de vida. Minha história começa assim: Lembro quanto eu tinha 7 anos e entrei para a escola, era muito longe, eu e minhas amigas tínhamos que caminhar por muito tempo em estrada de terra para chegar no grupo. Não tinha essa de van escolar ou ônibus da prefeitura para levar a criançada para estudar. Tudo era muito difícil naquela época, e para completar meu sofrimento, uma menina que não gostava de mim me batia todos os dias. Até hoje me pergunto o motivo de tanta raiva de mim.

Fui uma criança levada e já levei umas belas surras da minha mãe pois ela me dava algumas moedas com a finalidade de comprar alguma coisa para casa e eu gastava o dinheiro com besteiras. Quando eu chegava em casa sem a compra ela não perdoava, me batia e eu pensava comigo: “Nunca mais gasto o dinheiro dela” mas não tinha jeito, eu sempre gostava de comprar minhas balas e doces.

Só estudei até a 3ª série, minha família era humilde, e quem conseguia terminar os estudos naquele tempo eram só os filhos dos patrões. A situação financeira não era boa, então era costume os pais mandarem suas filhas para trabalhar cedo em casa de família. Assim me enviaram para Belo Horizonte com intuito de eu trabalhar e mandar dinheiro para comprar materiais escolares para os outros irmãos.

Sofri muito por ficar longe deles por 2 anos, porque eu amo a minha família. A educação dos filhos era muito diferente de hoje, os pais eram muito severos e não adiantava argumentar e não querer fazer o que eles mandavam, sempre permanecia a vontade deles. Minha família era grande, éramos 9 irmãos, mas 2 vieram a falecer, ficando 6 irmãs e 1 irmão.

Tive outros empregos além daquele que contei de Belo Horizonte. Trabalhei muito e não tinha tempo para voltar a estudar. O tempo foi passando, nós fomos crescendo e conheci meu marido, namoramos por 1 ano e casamos. Seu nome era José Moreira Policarpo. Desse casamento tive meus filhos, eu tinha apenas 22 anos quando engravidei do meu primeiro filho Adelmo, depois de 1 ano e meio nasceu meu 2º filho Agnaldo. E

assim fui tendo outros que se chamam Alessandro e Luciene.

Já então mãe de 4 filhos eu adoeci e tive um AVC grave, que me deixou com sequelas, não andava e não falava. Tive que fazer tratamento e hoje graças a Deus estou falando e andando. Tenho os movimentos mais restritivos do lado direito, mas que não me impede de sair, pintar, jogar bingo e me sentir útil. Mesmo tendo tido esse AVC (acidente vascular cerebral), eu ainda tive o privilégio de ser mãe novamente de outro menino que dei o nome de Arnaldo, hoje com 40 anos. A criação dos meus filhos foi muito difícil para mim, mas com a ajuda de Deus eu venci as dificuldades.

Nesse tempo, meu marido começou apresentar comportamentos de agressividade devido ao vício pela bebida, então com frequência eu era agredida fisicamente e verbalmente, ele era um alcoólatra, com isso fazia a família toda sofrer. Depois de tanto suplicar para ele procurar ajuda e deixar a bebida ele conseguiu vencer o vício. Começamos entrar então em um tempo de paz em casa, meus filhos agora crescidos começaram a trabalhar e ajudar nas despesas da casa.

Meu marido adoeceu e precisou de cuidados da minha parte e dos filhos por 1 ano, vindo a falecer, foi muito doído a sua partida, mas entendemos que ele está perto de Deus. Meus filhos casaram e me deram netos que amo muito. Hoje moram comigo minha filha Luciene, Adelmo e o Agnaldo, tenho também 2 netos que moram aqui em casa o Gustavo e Gabriel, tenho sido cuidada por eles e recebido muito amor. Sou uma mulher, mãe e avó muito feliz.



Juvenal Alves da Silva

Eu Juvenal Alves da Silva, filho de José Alves Venâncio e Geralda Tereza Jesus, brasileiro, natural de Pompéu, coloco aqui nestas páginas um pouco da minha história de vida, marcada por momentos difíceis de alegria e muitas vitórias e sobretudo de fé em Deus.

Não tive o prazer de conhecer e ser amado pelos meus pais, quando eles faleceram eu ainda era um bebê. Meu pai foi sepultado em uma quarta-feira e minha mãe na

mesma semana. Estava com 2 anos quando fui entregue aos cuidados de uma tia, irmã do meu pai. Ela também já criava outro primo meu, mesmo sendo idosa e viúva. Meu primo era quem trabalhava e ajudava nas despesas da casa. Ele veio a falecer quando eu completei 8 anos e então fui para a lida na roça, ganhando uma moeda de 500 réis que hoje equivale a 50 centavos.

Comecei a estudar no grupo Dr. Jacinto Campos e tinha que levantar às 5:00 da manhã e percorrer 14 km ida e volta a pé pela estrada de chão com sol ou debaixo de chuva. Criança pobre que eu era, não tinha blusa de frio, sapatos e tão pouco capa para me proteger do frio e da geada que caía naquele tempo. Quantas vezes cheguei molhado em casa e fui me aquecer ao lado do fogão a lenha. Não cheguei a passar fome, porque havia muitas frutas pelo caminho, quando eu andava ia colhendo pelos quintais e comendo, aprendi a pescar bagre em um poço e levava para nos alimentar.

Peguei meu diploma do primário e com 10 anos comecei a trabalhar na fazenda do Senhor Antônio Soares dos Santos. Aos 22 anos fui trabalhar em outra fazenda, eu já estava casado com minha esposa Tereza Mendes da Costa Silva e veio a nascer a minha primeira filha no dia 10/01/1960 que nomeamos de Maria Raimunda Maria da Silva, tivemos outros filhos que nasceram na mesma ocasião, Raimundo Eustáquio e Geraldo Eustáquio.

Fiquei trabalhando na mesma fazenda por 5 anos, a vida estava muito difícil por lá por isso resolvemos mudar para Pará de Minas e eu fui trabalhar em uma fábrica de tijolos e telhas por 4 anos consecutivos. Tivemos mais 2 filhas, Cleuza Maria em 1964 e Maria

Aparecida Mendes da Silva nasceu em 1966, completando assim a família de 5 filhos.

Trabalhei no DER (Departamento de Estado de Rodagem), com serviço braçal, nessa época minha esposa contraiu a doença de tuberculose, ficando internada em Belo Horizonte por 6 meses. Então minha filha de 8 anos, a Maria Raimunda, me ajudava nos serviços de casa e lavava as roupas dos irmãos enquanto eu lavava as minhas. Graças a Deus minha esposa recebeu alta e voltou para casa e as coisas melhoraram.

Depois de muito esforço, tirei a minha carteira de motorista e me aposentei como operador de máquina pesada com 65 anos. Por um longo tempo paguei aluguel, só em uma casa paguei 18 anos, mas consegui comprar minha casa própria, onde recebo meus amigos e quem precisa do meu apoio.

Os meus filhos cresceram, se casaram, me deram netos e tive a honra de receber o título de Cidadão Honorário de Pará de Minas, cidade hospitaleira e acolhedora que escolhemos para viver e prosperar. Já passei por muitas dificuldades nesta minha vida, umas delas foi em agosto de 2007, quando estava fazendo caminhada e rezando o terço como era meu costume e fui atropelado por uma moto que quebrou minha perna e fui socorrido por um médico, Dr. Aulio, que passou na hora e me levou para o hospital. Fui operado e fiquei 40 dias com gesso.

Descobri que estava com câncer em 2012, neste período eu trabalhava no transporte escolar e comecei a sentir dores, fui fazer tratamento em Belo Horizonte e fiquei 2 meses e 15 dias sem vir em casa. Fiz 30 sessões de radioterapia e 26 de quimioterapia, tive que fazer uso de bolsa de colposcopia por 4 anos e Graças a Deus estou curado.

Me considero um homem feliz, não tive carinho de pais e avós, não brinquei na minha infância, mas a minha tia me deu o mais importante que é “conhecer e acreditar em Deus”. Do menino pobre da roça, consegui criar e educar meus filhos que me deram netos estudiosos com diploma de Direito e outra estudando medicina. Meus filhos continuam trabalhando na marcenaria e minhas filhas aposentaram na área da enfermagem e na educação.

Hoje me encontro com 87 anos e minha esposa com 85, temos muita fé e saúde. Obrigado Deus, meu pai querido e adorado, por tudo que o Senhor fez por mim e pela minha família. Tenho muitas coisas ainda para contar e espero que venha outras oportunidades como essa que foi nos oferecido pelo Centro de Convivência para colocar no papel nossas lembranças.

Termino minha história com este texto da Bíblia Sagrada que gosto muito. João 13:34 “Um novo mandamento dou a vocês: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros.”



Lourdes Maria dos Santos Silva

Hoje eu venho contar um pouco da minha vida. Meu nome é Lourdes Maria dos Santos Silva, nasci de uma família muito pobre, meu pai era pedreiro muito conhecido aqui em Pará de Minas e éramos 12 filhos, por isso ele trabalhava dia e noite para sustentar a sua grande família. Minha mãe cuidava zelosamente da casa, da criação dos filhos e ainda ajudava como podia levando com ela meus irmãos maiores, caminhava por horas, subindo serras no meio do mato correndo perigo de ser picada por cobras e outros insetos, para juntar e trazer na cabeça, feixes pesados de lenhas para vender e fazer alguns trocados para as despesas.

Havia um senhor muito rico na cidade que deixava as pessoas buscarem lenhas, plantar arroz, milho e verduras em sua propriedade, mas não era de graça, tínhamos que dividir tudo com ele e por ventura se um dos seus muitos gados caíssem em um buraco na serra e viesse a morrer, ele deixava destrinchar o animal e ficar com a carne, virava uma festa para nós, era uma das poucas vezes que tínhamos fartura de carne em casa.

Os filhos maiores quando completavam 13 anos e não tivessem concluído o ensino primário, tinham que sair da escola e ir trabalhar de ajudante de pedreiro com meu pai ou com outros familiares, não tinha essa de ficar atoa em casa.

Eu com 13 anos já comecei a trabalhar como doméstica, a jornada era até tarde, tinha dia que eu chegava em casa depois das 19 horas e quando ia receber meu pagamento na época era em cruzeiros e eu recebia Cr\$2,00 por mês que era repassado direto para minha mãe que mandava meu irmão buscar na casa da patroa, eu não chegava nem a pegar na mão meu dinheirinho. Fazia todo trabalho da casa, menos cozinhar, a casa era enorme e o serviço pesado demais para minha idade. Como era sofrido.

Quando completei 16 anos, fui trabalhar na fábrica de tecido (comia muito algodão, era a piada daquele tempo). Casei com meu marido Benedito com 19 anos. Tivemos nosso primeiro filho um menino lindo, sadio, sorridente e quando estava prestes a completar um ano de idade, houve um surto de uma doença até então desconhecida aqui na cidade,

levando a óbito várias pessoas, inclusive esse meu filho de nome Wellington. A Cruz Vermelha veio do Estado Espírito Santo para estudar a doença e constatou que era meningite altamente contagiosa.

Foram dias e dias de muita tristeza e sofrimento pelo luto da morte do meu filho. Meu marido foi trabalhar em outra cidade longe de Pará de Minas, eu fiquei morando perto da casa da minha mãe por muito tempo, foi quando resolvi que iria para perto dele. Foi nesta ocasião que descobri que ele estava dependente do álcool. Todos nós sofriamos, eu, ele e meus filhos pequenos. Foi com muita oração a Deus e pedidos para ele largar o vício que ele entrou para o AA e abandonou a bebida.

Deus me abençoou dando a nós outros 6 filhos (Sílvia, Samuel, Sara, Saulo, Sabrina e Silas Gabriel) todos são filhos excelentes e tenho muito orgulho da minha família. O último, Silas Gabriel nasceu natimorto, foi um parto muito complicado, eu

estava com 40 anos e era uma gravidez de risco. Comecei a passar mal e fui para o hospital para ter o bebê, mas o médico que fazia o meu pré-natal não estava de plantão no dia, e para complicar mais a situação a criança já estava morta a vários dias, dificultando mais o parto normal. Sofri muitas dores naquele dia, os médicos não queriam assumir o meu caso por eu ter outro obstetra, pois achavam que eu não sobreviveria devido o meu estado está crítico.

Mas Deus colocou no meu caminho uma enfermeira bondosa e um médico caridoso, o nosso saudoso Dr. Edward Moreira, que tinha ido ao hospital fazer outro parto e viu minha situação, compadeceu do meu sofrimento e imediatamente assumiu a função de me salvar abaixo de Deus. Recuperei minha saúde, voltei a trabalhar e hoje consegui a minha sonhada aposentadoria. Mas sigo em frente ajudando meu marido e criando meus 3 netinhos que ainda são crianças para os pais deles trabalharem. Tenho outros 3 netos também, mas agora eles já estão grandes e não precisam de tantos cuidados como os pequenos necessitam de mim. Agora só esperamos colher o que plantamos ao longo das nossas vidas.



Maria Agripina da Rocha Coutinho

Olá, me chamo Maria Agripina da Rocha Coutinho e vim contar um pouco sobre a minha história de vida... vamos lá!

Eu sou a mais velha dos 18 filhos da minha mãe, sendo que somente 13 escaparam. Tive dificuldades para sobreviver pois, na roça tudo é muito difícil mas graças a Deus era uma luta maravilhosa, faltava de tudo, mas estávamos todos juntos.

Casei-me e tive 5 filhos vivos, um deles não sobreviveu porque tive eclampse. Um dos momentos mais tristes que enfrentei foi o desaparecimento do meu filho mais velho de 25 anos de idade, que saiu de casa no ano 2000 e até hoje não tivemos nenhuma notícia do seu paradeiro. Por 1 ano e 7 meses vaguei pelas ruas de Belo Horizonte e cidades vizinhas com sua foto nas mãos procurando por ele. Seu nome era Walter José Coutinho Filho e ainda não conformo com o seu sumiço, é um sofrimento sem tamanho que deixa um vazio muito grande dentro do meu peito, mas tenho muita esperança de poder encontrá-lo. Após 5 anos do desaparecimento do meu filho Júnior,

tive também que superar o falecimento do meu filho caçula, é difícil de aceitar, mas sei que ele cumpriu a missão dele aqui na terra.

Fiquei viúva em 2012 e tive a oportunidade de conhecer meu marido no Centro de Convivência e casar com ele em novembro de 2016. Apesar de tantas coisas ruins que me aconteceram, agradeço a Deus todos os dias por ser feliz, por ter tido meus filhos e meus netos. Tenho certeza de que o que me sustenta é a fé no meu grandioso Deus, ele nunca me desamparou e jamais irá me desamparar.

Esta é um pouquinho da história de vida com 71 anos de idade e com muita força para continuar a viver.



Maria Ana da Silva Lopes

Meu nome é Maria Ana da Silva Lopes, nasci no dia 22 de janeiro de 1936 na cidade de Onça de Pitangui, interior de Minas Gerais. Sou filha de Manoel Fernandes da Silva e de Ana Teresa de Jesus, meus pais tiveram sete filhos, dos quais três já são falecidos. A minha infância possui semelhança com a infância de várias crianças das antigas gerações, as quais precisavam trabalhar para ajudar no sustento da família. Desse modo, não pude frequentar a escola e terminar meus estudos, parei na 2ª série.

A vida quando criança era bem sofrida, reflexo de muita pobreza e falta de oportunidades, acordava às 4:00 da manhã para ajudar meus pais a cortar mandioca. Assim, o trabalho foi algo presente em toda a minha infância, razão que me fez valorizar as coisas mínimas da vida e dar valor a que possuo.

Casei-me aos 21 anos com José Lopes da Silva Filho, também natural de Onça de Pitangui, com quem tive sete filhos e adotei um. Hoje possuo quinze netos e uma bisneta. No início da minha vida de casada as coisas foram bem difíceis, uma vez que eu e meu marido viemos de famílias simples, contexto que exigiu muito trabalho, perseverança e fé para criar todos os filhos. Na época eu lavava roupas para outras pessoas como uma forma de ajudar nas despesas da casa. Devido aos poucos recursos, eu mesma quem fazia e costurava as roupas da minha família, embora não tivesse muito conhecimento no início, fui aprimorando e com a prática comecei a costurar muito bem.

Dentre os acontecimentos mais tristes que marcaram a minha vida está o acidente de um dos meus filhos que ficou em coma durante 10 dias, mas que por meio de muitas orações se recuperou. Além disso teve o falecimento do meu marido em 2016, com

quem eu dividi grande parte da minha vida, ainda é um marco triste que eu tento superar dia após dia, visto que passamos juntos momentos alegres, tristes e éramos um a companhia do outro durante todos os dias. As minhas lembranças de momentos agradáveis sempre voltam para as viagens para Aparecida/SP, local que eu gosto bastante de ir para rezar, as idas à Anápolis/GO, para a casa da minha tia, também me trazem boas recordações.

Atualmente, só um filho mora comigo, como ele é mais caseiro me faz bastante companhia, todos os outros filhos casaram ou possuem suas casas. No meu tempo livre gosto de costurar, assistir a programas religiosos na TV, pintar e jogar bingo. Recentemente adotei uma gatinha que sempre me acompanha pela casa e tornou-se uma ótima companhia. Uma das minhas atividades preferidas é frequentar o Centro de Convivência dos Idosos, local agradável e que proporciona muito lazer por meio de atividades de pintura, bingo, dentre outras. Entretanto, o cenário atual de pandemia do Covid-19 limitou a saída de pessoas da minha idade, então parei de frequentar os locais que eu mais gosto que é a igreja, sempre frequentava as missas aos sábados e os terços durante a semana, além de ir ao Centro de Convivência dos Idosos para participar das atividades recreativas e conversar com as minhas amigas. Com isso, me senti triste no início, mas depois consegui entender que é necessário permanecer em casa para proteger a minha saúde e das pessoas que eu amo. Já tomei a vacina do coronavírus e estou esperançosa que a pandemia termine para todos nós possamos voltar com a nossa rotina de antes.



Maria Bernarda e Elifas de Assis

Vamos contar aqui um pouquinho da nossa história de superação. Eu, Maria Bernarda e Elifas de Assis, juntos vencemos a Covid 19, as doenças e as dificuldades enfrentadas no dia a dia. Nós nos conhecemos em 2010 em uma linda festa de Congado e desde então somos um casal inseparável. Eu faço artesanato (bonecas de tecidos) e vendo na feirinha e meu Nhô, apelido carinhoso que chamamos ele (Elifas), está sempre do meu lado.

Anterior à pandemia gostávamos de viajar, sair, frequentar o Centro de Convivência dos Idosos nas terças-feiras que tinha a novena da Sagrada Face, jogar o bingo e na quinta íamos também para o forró a tarde, enquanto eu e minha filha Rita jogávamos cartas, meu marido ficava dançando no salão. Quantas saudades de lá!

O ano de 2020 foi bastante tenso não só para nós, mas o mundo todo viveu o começo de uma pandemia e tudo era muito confuso e a incerteza rondava por todo lado. Em meados de junho de 2020, cheguei a passar mal em casa de madrugada, indo para a sala vermelha no Pronto Atendimento, os médicos então constataram que eu tinha infartado e teriam que me transferir para fazer um cateterismo de urgência. Fui transferida de ambulância para a cidade de Formiga, graças a Deus, minha filha Rita estava ao meu lado, me dando apoio e forças nesses momentos críticos em que estive internada. Sei que ela foi guerreira, passou a noite em cadeira dura de recepção do hospital, indo e vindo de lá pra cá, enfrentou dificuldades com transporte mas nunca me deixou desamparada. No dia 15/06/2020, completei 80 anos e estava numa cama hospitalar, longe de todos que eu gosto, nem por isso fiquei sem receber os parabéns pelo meu aniversário. Recebi o carinho e os parabéns da equipe do hospital e pude me alegrar. Fiz o procedimento cirúrgico e voltei para Pará de Minas.

Meu Nhô, nesta ocasião do dia 15 de abril, ainda se recuperava de 5 fraturas nas costelas e uma escoriação no braço, consequência de uma queda na escada rolante do metrô, quando estávamos indo com destino a Ipatinga/Espírito Santo e chegaríamos no destino à Bahia para visitarmos parentes próximos. Devido ao seu estado ele teve que ficar 12 dias internado e a nossa preocupação só aumentava, o assunto era só sobre pandemia

então tivemos medo e incertezas. Foi um alívio quando ele teve alta do hospital. Nesse tempo eu e ele estávamos convalescendo, com cuidados diários da minha filha que resolveu construir sua moradia no fundo da minha casa, para estar mais perto de nós dia e noite cuidando da nossa saúde.

No começo de Agosto, Nhô apresentou tosse e febre que não abaixava, levamos ele para a UPA e ele foi direcionado pelos sintomas para o Hospital Padre Libério, ficando internado em observação com diagnóstico de pneumonia e para agravar mais ainda tinha enfisema pulmonar. Posteriormente com sua piora no estado geral foi transferido para o hospital Nossa Senhora da Conceição, para a ala de Covid. Como foi angustiante e difícil esses dias em nossas vidas, só recebíamos notícias dele por telefone e isso não era o bastante.

Certo dia nem eu e nem a Rita recebemos a ligação do hospital, foi aí que resolvi ir até lá porque eu queria ver, ouvir e saber como ele estava. Ninguém, apesar de eu estar fraca e recuperando do infarto, conseguiu me deter. Encontrei forças e cheguei no hospital, mas não tive sorte de encontrar com ele e recebi a notícia do boletim médico. Todos pensavam que só Deus (inclusive eu), que seria milagre ele voltar para casa, mas ele foi guerreiro e lutou bravamente contra o inimigo invisível e venceu a guerra contra a Covid-19 e voltou para nós após 22 dias de internação.

Quando ele deixou o hospital, a equipe médica e funcionários fizeram uma festa, filmaram para a TVI, tiraram fotos e ele foi agraciado com um Certificado de bravura pois era um herói e tinha vencido o vírus. Que alegria que eu senti quando ele chegou com a Rita aqui em casa, sem eu saber da sua alta, eu não sabia se eu ria ou se chorava de tanta emoção.

Recentemente precisei ficar internada e mesmo na cama do hospital arrumei um tempinho para me divertir, ao lado da minha filha jogamos bingo virtual com a Cleusa (orientadora social) do Centro de Convivência. Estamos em casa e temos compromisso firmado às 13:30 das quartas-feiras estaremos assim por enquanto mesmo que seja por celular, jogaremos com os amigos as 3 partidas até voltar a ser presencial. Também participamos regularmente do grupo do Whatsapp com as atividades que nos é proposta. Recentemente ganhamos o 1º e 3º lugar do concurso de desenho sobre a pandemia.

Apesar de tudo que sofremos neste período, agradecemos a Deus por termos vencido esta etapa ruim de nossas vidas e de estarmos aqui vivos para contar a nossa história de superação. Nossos sinceros agradecimento a minha filha Rita por estar do nosso lado sempre e ao Centro de Convivência por abrir espaço para a gente registrar um pouquinho das memórias que fazem parte das nossas vidas.





Maria do Perpétuo Socorro de Lima

Estamos vivenciando dias difíceis por causa da pandemia, época de isolamento social, ficando distante da família e dos amigos. É muito triste saber que esse vírus está fazendo tantas vítimas pelo mundo, até mesmo aqui na nossa cidade.

Me chamo Maria do Perpétuo Socorro de Lima, tenho 77 anos e moro pertinho do Centro de Convivência dos Idosos e antes da pandemia minha rotina de toda tarde era ir para lá reunir com meus amigos. Eu jogava bingo (e sempre ganhava um brinde), fazia ginástica e atividades manuais. Por causa da Covid-19, tivemos que mudar nossos hábitos, o Centro de Convivência fechou as portas e a solidão, a tristeza e a incerteza tomou conta das nossas vidas, agora temos que usar máscaras, passar álcool gel nas mãos e manter distanciamentos das pessoas e nem a menos podemos mais abraçar uma pessoa querida.

Minhas tardes eram muito mais divertidas do que agora nesta pandemia, que somos orientados a ficar em casa. Sinto muita falta de interagir com minhas amigas. Já passei por momentos difíceis na minha vida, um deles foi quando meu esposo faleceu de infarto fulminante em uma madrugada há mais de 27 anos. Estávamos dormindo e percebi que ele estava tendo um ronco diferente e acendi a luz do quarto e notei que ele estava passando mal, gritei por ajuda e ele foi levado para o pronto socorro, mas veio a óbito. Foi difícil criar meus 8 filhos sem ter ele por perto para me ajudar.

Perder o marido foi difícil, mas a pior de todas as dores que carrego, foi ter que enterrar meu filho querido. O nome dele era Adílson, tinha esposa e 3 filhos com 1, 9 e 12 anos quando ele faleceu. Era dono de um restaurante com nome de Amendoim

perto da rotatória do trevo de Pará de Minas. O movimento era até de madrugada e ele sempre dava carona para seus funcionários por causa do horário, levando eles até o bairro Serra Verde. Nesse dia ele viu que tinha um homem (andarilho) caído no asfalto, não exitou em ajudar, desceu da camionete e notou que já estava morto, então pegou alguns ramos de capim e começou a sinalizar para que os veículos que viesse atrás não passasse por cima do corpo do senhor. Foi neste momento, que um caminhão não conseguiu frear, vindo a colidir com o meu filho. Por causa do atropelamento ele teve traumatismo craniano

e não resistiu aos ferimentos e por ironia do destino quem estava dirigindo o caminhão era primo dele.

Lembro-me com muita tristeza até hoje de como foi angustiante e sofrido receber a notícia da minha filha dizendo: “Mãe, o Adílson sofreu um acidente” e eu perguntei a ela: “E ele como está?”. Não entendia o que ela dizia porque sua voz estava embargada em um pranto de dor, só ouvi ela dizer que ele foi morar com Jesus, aí meu mundo desabou. Foram dias e noites de muito sofrimento, adoeci e tive que procurar ajuda médica. Foi quando me sugeriram que eu viesse a frequentar o Centro de Convivência e se Deus permitir quero voltar em breve. Já estou vacinada e rogo a Deus que mande a cura contra este vírus o mais rápido possível para a vida voltar ao normal. Amém.



Maria Madalena Sousa Santana

Meu nome é Maria Madalena Sousa Santana, nasci em Angra dos Reis, estado do Rio de Janeiro, no dia 22 de julho de 1939. Sempre morei em frente ao mar. Sou casada e meu marido se chama Antônio, temos 1 filho que colocamos o nome de Cristiano, mais conhecido como Carioca e ele nos deu 3 netas que se chamam Ana Clara, Lorena e Nayara.

Minha infância foi tranquila, brincava de boneca que minha mãe fazia pois não tínhamos recursos para comprar. Outras brincadeiras costumeiras eram: passar o anel, roda, jogar o lenço, pular corda, subir em árvores e escorregar no capim morro abaixo. Tomava banho de mar e aprendi a nadar no tronco de bananeira, comia frutas tiradas do pé sem ao menos lavar, mas não fazia mal, porque não tinha poluição.

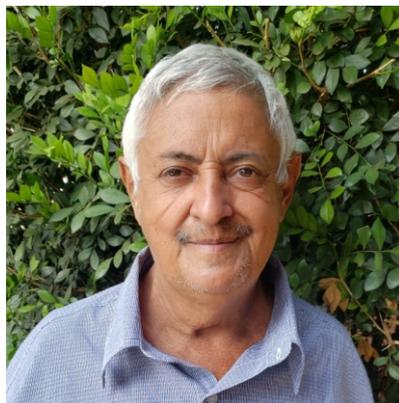
Comecei a frequentar a escola com 7 anos, mas nunca gostei de estudar, minha primeira professora se chamava Maria de Lourdes e para chegar até a escola tinha que andar a pé por 2 horas, uma hora para ir e outra para voltar.

Sou a 2ª filha de uma família composta de 3 irmãs e 3 irmãos. Morávamos eu, eles, meus pais e minha avó materna pois minha mãe era a filha caçula. Minha juventude foi tranquila, também ajudava minha mãe a lavar as roupas na cachoeira e passar com ferro a carvão para ajudar no sustento de casa, já que meu pai trabalhava em uma firma com o nome de Resistência, o serviço era carregar saco de café em grãos nas costas do caminhão para o armazém e vice-versa, era um serviço cansativo e ganhava pouco.

Meu pai tinha uma canoa movida a remo, era o nosso transporte para atravessar o mar para chegar à cidade. Morei em Angra dos Reis até meus 50 anos, meu marido teve AVC aos 42 anos e hoje está com 79, dois anos mais novo do que eu. Mudamos para Pará de Minas porque ele tem parentes aqui e sempre vínhamos passear. Por ele ser aposentado por invalidez, os familiares nos incentivaram a mudar para cá, meu filho nem foi perguntado se queria vir pois, só tinha 14 anos na ocasião. Tínhamos um carro que era muito útil para nós, mas tivemos que vendê-lo para custear as despesas de médicos e remédios para o tratamento do meu marido. Ele tem passe livre para viajar devido sua condição de

invalidez causada pelo derrame que sofreu e eu pela minha idade também consigo gratuidade, mas quando não consigo a passagem com 100% de desconto pago metade e assim todo ano íamos em Angra dos Reis, digo íamos porque agora devido a pandemia isto não é mais possível.

E por falar nisso, se o presidente Jair Bolsonaro não tivesse debochado dizendo que “era só uma gripezinha”, as coisas não teriam tomado o rumo que tomou na minha opinião. Vejo que pessoas fazem o que querem e se tem fiscalização não estão nem aí como se diz, não estão levando a sério a gravidade da pandemia mundial, mas quanto a mim não me afetou muito porque, continuo no mesmo ritmo de vida, menos frequentar o Centro de Convivência. Mas procuro me prevenir, evitando aglomeração, usando máscara e higienizando diariamente as mãos. Já estou vacinada com as 2 doses mas não me descuido. Porém, aqui em casa eu que tenho que resolver tudo, devido a doença do meu marido que deixou sequelas trazendo dificuldades para se locomover, atrofiou o braço e a perna de um lado, ele não pode me ajudar em quase nada, ficando sobre minha responsabilidade ir ao centro fazer compras, acompanhar em consultas médicas, exames, farmácia, receber e fazer as tarefas de casa. Mesmo assim agradeço a Deus porque tenho muita disposição e saúde para cuidar de tudo.



Raimundo Perpétuo da Silva

Meu nome é Raimundo Perpétuo da Silva e minha amada esposa é Maria Raimunda da Silva, olá meu povo do Centro de Convivência, estou torcendo para que essa pandemia do Covid-19 acabe logo e voltamos a frequentar o novo prédio que está em construção, pois fiz grande companheiros e sinto falta do convívio com eles.

Trabalhei por 40 anos na Prefeitura Municipal de Pará de Minas como eletricitista e vinha aqui dar manutenção elétrica no Centro de Convivência dos Idosos e pensava: “Quando eu me aposentar, vou fazer parte desse grupo também”. E aqui cheguei como quem não queria nada, ficando no portão, ora e outra eu entrava para dar uma espiada nas mesas de jogos e fui conquistando a confiança dos jogadores mais experientes e fui convidado a participar de uma rodada de truco e não deixei mais de vir. Era muito bom jogar cartas, tomar um cafezinho quente e um lanche preparado com muito carinho pelas funcionárias. Não sei dançar forró, mas gosto de ver a alegria do povo no salão, a minha diversão mesmo é jogar baralho com meus parceiros.

Sou casado há mais de 25 anos e minha esposa também já manifestou desejo de vir comigo passar as tardes fazendo atividades e se divertindo com as outras mulheres. Estamos nesta pandemia, onde temos que nos manter em isolamento, mas eu espero que em breve todos possam estar vacinados para voltarmos a ter uma vida normal. Estou ansioso para chegar a minha vez de ser imunizado, semana que vem já recebo a 1ª dose da vacina. Tenho 61 anos, sou aposentado e tenho seguido as orientações de

ficar em confinamento, usar máscaras e evitar aglomerações. Tenho muito medo de ser infectado por este vírus.

Temos uma roça em Bom Jesus do Oeste, município de Conceição do Pará e costumo passar alguns fins de semana com a família lá para sair um pouco da cidade. Gosto de acender o fogão a lenha e curtir o sossego do campo,

A tristeza que guardo em meu peito foi quando eu perdi meu pai, meu irmão e recentemente minha mãe faleceu por infarto. Mas graças a Deus eu e minha esposa estamos gozando de boa saúde e continuamos a fazer planos para o futuro, assim que tudo

estiver normalizado. E que Deus continue abençoando a todos nós, nos dando saúde para que em breve possamos nos reunir novamente com muita alegria e muitas outras histórias para contar.



Tereza Alves

Em memória

Sou a Tereza Alves, casada com o Agenor no dia 15/10/1972, tenho 72 anos e desse casamento vieram meus 8 filhos. Somos de Ribeirão de Areia, município de Gouveia. Nasci numa família de 16 irmãos destes 11 estão vivos, inclusive minha querida mãe ainda está viva com 93 anos e ainda mora na mesma cidade. Sempre trabalhei em casa cuidando dos meus filhos e do meu marido, nas horas de folga gostava de pintar tecidos e costurar.

Tenho 2 filhas que se mudaram do Brasil e estão morando a muito tempo na Espanha, mas sempre falo com elas por telefone, sinto muita saudades delas. Sou paciente renal que necessita de hemodiálise e com essa pandemia as coisas ficaram bem mais difíceis para mim pois, sou do grupo de risco e preciso de cuidados especiais. Comecei a fazer o tratamento em casa para evitar contato com outros pacientes e circular na área hospitalar. Minha saúde está fragilizada, mas uma coisa eu nunca perdi, é a fé de que as coisas vão melhorar.

Antigamente eu ia com mais frequência no Centro de Convivência quando era a Angélica, Cleusa e a Neide, para fazer pintura e ginástica, porém tive que ir me afastando aos poucos por causa do meu tratamento clínico. Mas não perdi a esperança de voltar a ser assídua no novo prédio que está em construção, espero que Deus me dê muita saúde para ir nas novenas, nos bingos e voltar a conviver com minhas amigas. Graças a Deus eu e meu marido nos vacinamos e desejo que a vacina chegue para todos os brasileiros!

Hoje só temos a agradecer a vitória de estar
aqui e poder protagonizar nossas vivências
com a esperança de que logo tudo isso passe
e voltemos a nos encontrar!

Secretaria de Assistência e
Desenvolvimento Social



PREFEITURA
PARÁ DE MINAS

